APLICABILIDADE DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE UM LIVRO DIDÁTICO

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

NASCIMENTO; Autora: Clislene Maria Silva do Nascimento [1], LIMA; Fernanda Barboza de [2]

RESUMO

APLICABILIDADE DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE UM LIVRO DIDÁTICO

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o Livro Didático (LD) passou a ganhar relevância nos debates sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa (LP), por ser reconhecido como um importante material de apoio das práticas docentes e como um recurso que orienta o professor, permitindo-o ter em mãos, no caso do ensino de LP, diversos textos e atividades de leitura e escrita.

Assim, objetivamos apresentar uma análise realizada em um LD de LP destinado ao 6º ano do ensino fundamental. Sendo, esta, parte de uma pesquisa do Trabalho de conclusão de curso (TCC), na qual analisamos outros LD. Nesta análise, especificamente, investigaremos como o livro do 6º ano apresenta textos e atividades para o ensino de questões fonéticas e fonológicas da Língua Portuguesa. Inicialmente, realizaremos um debate sobre a aplicabilidade da Fonética e da Fonologia no ensino de Língua Portuguesa e depois, a apresentação da análise realizada no livro didático em questão.

Nossa pesquisa tem natureza básica e abordagem qualitativa, considerando seu teor interpretativista, já que analisamos um Livro Didático e o investigamos de acordo com nossos objetivos de análise, identificando como são abordados os conteúdos fonético-fonológicos nesse material. Tivemos como procedimentos de pesquisa, a pesquisa bibliográfica e a documental, uma vez que, além de investigarmos livros e artigos sobre as teorias pesquisadas, também temos como corpus da pesquisa, um LD do Ensino Fundamental, segunda fase.

Com relação à pesquisa bibliográfica, nos apoiamos nas teorias de Madureira e Silva (2017), Carvalho e Costa (2019), Silva (2014), Roberto (2016) e Sene e Barbosa (2018). Com relação à pesquisa documental, investigamos o Livro Didático de Língua Portuguesa do ensino fundamental, 6º ano, sendo ele nosso corpus de pesquisa. Esse livro compõe a coleção *Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem,* dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, utilizado na escola João Fernandes de Lima, localizada no município de Capim-PB.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Fonética e a Fonologia são disciplinas essenciais para o ensino da Língua Portuguesa, uma vez que, considerando o papel do professor em sala de aula, ele deve estar apto a refletir e ensinar sobre língua, analisando suas diferentes dimensões. Conforme Carvalho e Costa (2019, p. 110), “a Fonética e a Fonologia são subáreas da Linguística importantes para fomentar, implementar e consolidar os conhecimentos de aquisição de língua escrita, por proverem descrições física, fisiológica e psicocognitiva dos sons da língua [...]”.

O professor de português precisa possuir entendimento do funcionamento da língua. Uma formação que privilegie o conhecimento e a interpretação das teorias fonéticas e fonológicas pode

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

auxiliar, dentre outras coisas, um ensino mais coerente com a realidade linguística do falante. Por isso, é indispensável que os professores de Língua Portuguesa não só compreendam as teorias, mas também as articulem com os conteúdos que se apresentam no currículo escolar, avaliando métodos, abordagens e materiais didáticos adequados aos objetivos pretendidos e aos níveis do alunado.

Assim, se faz necessário que durante a formação docente, o futuro professor seja apresentado a conteúdos que discutam sobre os aspectos físicos e linguísticos dos sons da língua, uma vez que essa discussão é importante para o ensino de gramática, de leitura, e de escrita.

A falta de percepção diante da importância das disciplinas de Fonética e Fonologia é marcante. Alunos que sentem extrema dificuldade em ler as teorias e desenvolver as atividades propostas durante o curso acabam por relativizar sua importância para o ensino. Sem dúvida, não há grande consciência da relevância e valor que essas disciplinas têm para o fazer docente, pois, ao estudá-las, o futuro professor acaba por conhecer os parâmetros de articulação dos sons da língua, e isso torna-se útil no processo de ensino de leitura e escrita de textos, o que é imprescindível para o trabalho do professor de LP.

Ainda com relação à formação do futuro professor de português, é fundamental destacar que, além de ter acesso às teorias da linguagem, é importante que esse licenciando articule esses pressupostos a práticas de ensino. Sobre isso, esclarece Silva (2014, p. 1167) que "[...] é papel da universidade apresentar conhecimentos mais amplos que a escola, no entanto, deveria haver mais conexão entre aquilo que se vê na teoria da graduação e a prática escolar daquele futuro professor". Assim, evidencia-se a necessidade de haver nos cursos de graduação uma maior atenção à aplicabilidade de teorias linguísticas ao ensino de Língua Portuguesa.

Levando em conta a complexidade das teorias fonéticas e fonológicas, podemos dizer que o contato que os cursos de graduação possibilitam com essas disciplinas é apenas introdutório. Como é objetivo da graduação uma formação básica, as ementas costumam contemplar uma introdução à Fonética Articulatória e uma apresentação dos conceitos fundamentais da Fonologia. Assim, há pouco tempo destinado para a articulação desses fundamentos ao ensino de português. Sobre isso, apoiando-nos nas ideias de Madureira e Silva (2017, p. 88), pensamos que "A reflexão sobre as implicações da Fonética e da Fonologia no processo de ensino e de aprendizagem da linguagem se justifica, inicialmente, por remeter à modalidade oral da língua, cujo surgimento antecede o da modalidade escrita".

A respeito dos conteúdos a serem abordados pelo professor de Língua Portuguesa, Madureira e Silva (2017) afirmam que, acerca dos aspectos fonéticos-fonológicos, o docente deve possibilitar reflexões sobre os fenômenos da língua através de atividades em que é possível observar na prática o funcionamento da produção dos sons, por exemplo, analisando através da execução da fala, os órgãos que são ativados ao produzir os sons consonantais e vocálicos. Uma discussão simples realizada em sala de aula é capaz de apresentar aos alunos que o sistema vocálico da Língua Portuguesa é composto por 12 vogais e, assim, fazê-los observar os sons abertos e fechados, nasais e orais, para além do que revela o quadro ortográfico das vogais.

Outro aspecto importante a ser pensado, quando discutimos sobre aplicabilidade das teorias fonéticas e fonológicas ao ensino de LP, é a influência que a oralidade tem na escrita de textos. Roberto (2016, p. 141) explicando a diferença entre oralidade e escrita, lembra que "[...] a escrita não se adquire, como ocorre com a fala, mas se aprende, através de um processo de conscientização metalinguística feito de forma sistematizada". Assim, conforme as ideias da autora, o processo de escrita é complexo, pois é um aprendizado esquemático. No processamento desse aprendizado, é comum que os aprendentes, a partir de intuições que têm sobre o sistema de regras, levem dados da oralidade para a escrita.

Ou seja, apesar de os alunos cometerem desvios ortográficos, eles não fazem escolhas "erradas", pois, se observarmos criteriosamente as escolhas realizadas, compreenderemos que elas têm um caráter fonético-fonológico que reproduzem características da fala. Quando os alunos se veem em confusão, optam por escolher os caminhos que a eles são os mais lógicos. Assim, "[...] o que comumente é conhecido como "erro" por alguns, nada mais é que as dificuldades e as soluções criadas pelos alunos para escrever palavras cujas grafias não estão familiarizadas [...]"

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

(Sene e Barbosa, 2018, p. 10).

Dessa forma, é importante que o professor de português conheça os fenômenos fonológicos que são comuns à fala. Acréscimos, supressões, trocas e modificações de sons podem se fazer presentes na fala e serem levados para a escrita. A troca de “bêbado” por “bêbo”, “mulher” por “muié”, “árvore” por “arvi” são metaplasmos que podem ser encontrados no falar da população em geral. Se o aprendente da escrita fala de determinada forma, não é extraordinário afirmar que há grandes chances de escrever dessa forma, pois, conforme Roberto (2016, p. 153), “uma criança que fala [‘ahvori], por exemplo, terá menos dificuldade de escrever “árvore” do que uma criança que fala [‘aɹvi]. Cabe ao professor estar atento a essa característica para auxiliar com mais eficácia no processo de aprendizagem da escrita”.

4. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO

O livro didático destinado ao 6º ano do ensino fundamental é muito diverso, nele encontramos um grande número de atividades e discussões sobre o tema pesquisado. Em alguns momentos, mesmo que não toque exatamente no tema fonética ou fonologia, trouxemos aqui algumas seções que, entendemos, que se ligam às discussões que essas áreas abrangem. Por isso, pontuaremos primeiramente um debate sobre variação linguística, observado na seção intitulada *Falando sobre a nossa língua*.

Nessa seção, a partir da apresentação dos verbetes *cara* e *zoar*, são introduzidos temas como variação linguística e contextos de formalidade e informalidade que influenciam o aparecimento de palavras com sentidos diferentes. Nesse início de seção, é interessante observar essa orientação de debate:

Fala aí!

É muito comum reconhecermos particularidades na fala de moradores de outras regiões. Você conseguiria reproduzir o falar de uma região distante da sua? E de sua própria região? Quando alguém reproduz o falar de uma pessoa da região em que você mora, que palavras ou sotaque usa?

Figura 1. Sugestão de debate. Fonte: O, W.; S, C. Se liga na língua.

[livro eletrônico]: 6º ano. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022, p. 74.

A partir deste apontamento, pode-se discutir e observar as características das falas de diferentes regiões de maneira mais atenta. Ao questionar os alunos se eles conseguem reproduzir o ‘falar’ de outras regiões, os autores estimulam uma percepção mais atenta sobre as particularidades da fala de outras regiões. No ato de reflexão, o aluno percebe aspectos fonéticos e fonológicos presentes na fala, como: entonação, o fechamento ou abertura na pronúncia de vogais que variam de região para região, o ritmo das falas, as marcas orais que ocorrem em umas regiões e em outras não, identifica-se também o alongamento ou encurtamento na pronúncia de certas palavras, como ocorre, por exemplo, na fala dos mineiros que, no falar mais cotidiano e informal, não pronunciam todos os sons da palavra, pois a pronúncia é executada aglutinada com os sons das palavras seguintes, sem pausa, como: “nunc[]naminhavid[]”.

Além desses, outros fatores podem ser observados sob um olhar de pesquisador que é tomado pelo aluno. Esse olhar mais minucioso também acontece ao inverso, pois no recorte acima, logo

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

após questionar o interlocutor sobre a capacidade de reproduzir o “falar” de outras regiões, os autores indagam se eles também conseguem “reproduzir o falar” de sua própria região. Assim, também o aluno vai observar as características da fala de sua região de forma mais minuciosa, ou seja, a partir dessas observações pode surgir uma série de questionamentos e observações específicos sobre fonética e fonologia, bem como de outras características relacionado aos falantes, culturas, fatos sociais e afins.

Ainda nesta seção, temos a apresentação de um quadrinho, mostrando como os registros realizados pela mesma pessoa podem se modificar a partir da situação comunicativa em que ela está inserida. No quadrinho, podemos observar que, em contexto de informalidade, observamos fenômenos fonológicos como a aférese (queda de fonema ou grupo de fonema no início da palavra) que promove realizações como: “tô” e “tava” no lugar de “estou” e “estava”, redução comuníssima na oralidade.

Figura 2. Quadrinho sobre registros formais e informais. Figura 1. Sugestão de debate. Fonte: O, W.; S, C. Se liga na língua. [livro eletrônico]: 6º ano. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022, p. 75.

É pertinente pontuar aqui, o quão importante é a comparação que o LD faz entre contextos formais e informais, evidenciando o contraste que existe entre eles. O LD utiliza esses diferentes contextos comunicativos e expõe a adequação que o personagem faz a cada situação de fala, como exibido no quadrinho acima, possibilitando temas para discussões em sala de aula acerca das diferenças de uma situação formal em relação a uma situação informal. As interferências linguísticas de uma e de outra são divergentes, tendo em vista que os fenômenos fonológicos são mais presentes em situações informais, bem como o uso de gírias e outras características.

Além desses fatores, acreditamos que essa discussão é oportuna, pois também pode proporcionar um olhar mais aguçado quanto às diferenças específicas da oralidade, considerando que, em contextos formais de oralidade, temos menos presença de fenômenos fonológicos marcados, como também se percebe um cuidado quanto à tonalidade da voz, à dicção bem articulada e à preocupação em proferir cada som das palavras, além do cuidado na seleção do vocabulário, ou seja, há um maior monitoramento em contextos formais.

Contudo, foi possível notar que ao tratar sobre essa temática, o LD não abordou a questão do texto escrito em contextos informais. Sabemos que, atualmente, a presença nas redes sociais tem feito os indivíduos cada vez mais participantes de práticas escritas. Como esse texto costuma ser elaborado para uma comunicação rápida e dinâmica, muitas influências da oralidade acabam aparecendo nessas construções. Entendemos que o professor, a esse respeito, pode ampliar, a partir dos textos e atividades sugeridas, as discussões sobre isso.

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

A seção Falando sobre a nossa língua é dividida em duas partes: variação linguística e preconceito linguístico. Para iniciar o debate sobre preconceito linguístico, é apresentada uma tirinha que apresenta um diálogo entre um rato e um escorpião.

Figura 3. Preconceito linguístico. Fonte: O, W.; S, C. Se liga na língua.

[livro eletrônico]: 6o ano. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022, p. 75.

Ao discutir sobre preconceito linguístico, é trazida esta tirinha que apresenta inadequações ao contexto comunicativo dos interlocutores. Essa inadequação é a responsável pelo humor na tirinha, pois um dos personagens utiliza uma linguagem fora do seu contexto situacional que, nesse sentido, deveria ser mais espontâneo, mais informal. Discutindo sobre esse tema, os autores trazem explicações sobre a importância dos falantes se adequarem às diferentes situações comunicativas. Utilizando o diálogo da tirinha como exemplo, dizem que se o falante usa a linguagem conforme o contexto exige, ele atinge os objetivos almejados.

Compreendemos como bastante acertado o debate realizado sobre o preconceito linguístico e a importância de trazer já para uma turma do 6º ano uma noção que existe uma norma que está presente nas gramáticas e dicionários, mas nem sempre, na realidade de uso, mesmo em contextos formais, utilizamos essa norma, tal qual, os livros prescrevem.

Contudo, entendemos que os autores poderiam ter explorado os porquês do preconceito linguístico com um pouco mais de profundidade, buscando contemplar gêneros que trazem fenômenos fonológicos, como quadrinhos, charges, contos, músicas, crônicas e cordéis. Para além dos fenômenos fonológicos, diferenças de sotaques também podem ser trabalhadas, por meio de comparações entre as realizações dos sons da língua, fazendo-os entender questões como a pronúncia das vogais, extremamente variada entre as regiões e determinadas realizações consonantais que particularizam o falar de uma comunidade e que, por vezes, é a causa do preconceito linguístico.

Atividades como essas não apenas atuam para fazer os alunos conhecerem as particularidades fonéticas de um lugar, mas podem estimular a observação das diferenças articulatórias. Ou seja, os professores podem e devem utilizar-se de exercícios que levem os alunos a significar o conteúdo através das práticas articulatórias, e não apenas apresentar questionários e explicações que incluem somente os diferentes contextos comunicativos, formal e informal e a realização de gírias.

Ainda na seção *Falando sobre a nossa língua,* há um debate sobre a variação histórica. Nessa parte, o exercício pede que os alunos observem um anúncio publicitário dos anos 1940 e analisem, entre outras coisas, a duplicação de consoantes em palavras como “secca”, fazendo-os observar a diferença entre essa palavra e as palavra que temos atualmente questionando-os quais as consoantes que ainda são duplicadas.

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

Figura 13. Variação histórica. Fonte: O, W.; S, C. Se liga na língua.

[livro eletrônico]: 6º ano. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022, p. 76.

Para discutir esse assunto, é interessante pontuarmos o processo de formação da Língua Portuguesa. Sabemos que, muito do que era representado na ortografia, como o processo de geminação de consoantes, existiu como influência da tradição da grafia latina, em que a escrita não era uniforme e determinadas motivações ortográficas se davam para que mudanças fonéticas fossem marcadas ao longo do texto. Com as mudanças evolutivas, muitas das duplicações presentes na Língua Portuguesa foram sendo abandonadas, justamente, por perderem a utilidade sonora (Barbosa, 2013). Assim, ainda persiste a duplicação no caso de haver motivação sonora, como temos em "ficcional", quando a letra "c" representa primeiro um som de "k" e depois o som de "s", mas não temos isso em "secca", quando o "c" representa apenas um som. Deste modo, temos mais um caso, no livro analisado, em que a discussão não se limita aos aspectos da ortografia, mas é importante um conhecimento fonológico para a ampliação do debate.

Na subseção *Investigando mais*, ainda na composição do capítulo 3, temos um exercício importante a destacar. Apresentando uma tirinha, pede-se para o aluno analisar a variação regional, a partir de uma palavra presente no texto.

Figura 14. Tirinha sobre variedade regional. Fonte: O, W.; S, C. Se liga na língua.

[livro eletrônico]: 6º ano. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022, p. 79.

A partir do destaque da palavra "paulixta", pede-se que o aluno responda porque a palavra foi escrita com X e não com S e como isso é imprescindível para que o leitor entenda os sentidos da tirinha. É ainda sugerido que o professor proponha um debate sobre outras palavras que representam a variedade regional carioca. Achamos muito pertinente a proposição do debate sobre formas que se apresentam na oralidade e marcam a identidade linguística de um falante. A partir de textos como esse, apresentados no livro, o professor pode ampliar a discussão para as diversas regiões do país, mostrando que toda região tem fatores fonéticos que se destacam.

Na seção em que se discute *O planejamento da fala e da escrita*, é apresentada a transcrição de uma entrevista.

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

O planejamento da fala e da escrita

O texto a seguir é a transcrição de parte de uma entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos ao jornalista Paulo Gustavo Pereira a respeito do filme **Divertida Mente**.

Paulo Gustavo Pereira: O que que foi mais di... mais interessante, mais divertido fazer no **Divertida Mente**?

Leo Santos: Eu, eu sempre quis fazer esse filme por causa... basicamente por causa do estilo. Eu gosto do diretor pra caramba. Ele tem um estilo que eu gosto, que é animação dos anos 50, música de *jazz* e tudo mais... Então, ele traz esse, essa, esse sabor para os filmes dele, que são o **Monstros S.A.** e o **Up!** E... eu sempre gostei muito, então eu, tipo assim, assim que me deram a opção de escolher qual filme que eu ia fazer, eu falei "Eu quero aquele filme".

PGP: Te deram a opção?

LS: Sim, sim, sim.

As **transcrições** procuram reproduzir as características da fala. Por isso, no texto são anotadas as pausas, as repetições, os sons alongados, as palavras ou as orações que ficaram incompletas etc.

Figura 15. O gênero entrevista. Fonte: O, W.; S, C. Se liga na língua.

[livro eletrônico]: 6º ano. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022, p. 50.

Ao longo da transcrição, o aluno é convidado a observar as marcas que particularizam a fala, como as pausas, as repetições, os sons alongados, e as palavras que ficam incompletas. Acreditamos que, por se tratar de uma entrevista, existem diversos fenômenos fonológicos que não foram marcados, como os sons finais em palavras que terminam com "e" e "o" e são pronunciadas com "i" e "u", por exemplo, ou diversos outros fenômenos como apócopes, próteses, metáteses, entre outros. Dessa forma, entendemos que, utilizando-se de gêneros como esses e do debate iniciado nesse tipo de seção, o professor pode ampliar as discussões, mostrando que realizamos oralmente muitas variações fonéticas, mas mesmo em transcrições da fala, como é o caso da entrevista, elas não aparecem no texto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar nossa análise, é importante pontuar algumas observações. Percebemos que ao tratar sobre preconceito linguístico, não há um aprofundamento quanto aos fenômenos fonológicos de diversas naturezas que fazem com que reduzamos, acrescentemos ou troquemos fonemas nas palavras. Mais que isso, não há um debate sobre as formas que são marcadas e por isso sofrem estigma, e as formas não marcadas, que mesmo sofrendo processos semelhantes, por serem mais comuns no falar culto, não recebem avaliação negativa na sociedade.

Observamos que no LD do 6ºano há muitas discussões acerca da fonologia, que acontecem por meio de temáticas sobre variação linguística, preconceito linguístico e gêneros que envolvem a fala.

A realização dessa pesquisa permitiu que enxergássemos a importância da ampliação de pesquisas e reflexões sobre temas da Fonética e da Fonologia no ensino, pois eles se relacionam diretamente com as atividades de produção de textos orais e escritos. Quando debatemos e levantamos pautas como essas, estamos contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem e, neste caso, também, para o aprimoramento dos Livros Didáticos.

Acreditamos que nosso estudo também contribui para que professores e futuros professores enxerguem os LD com uma dimensão mais ampla. Entendemos que os livros didáticos possuem lacunas naturais, pois ao passo que os estudos linguísticos, literários e educacionais se ampliam, se ampliam também as exigências sobre esses livros. Contudo, o professor com olhar crítico é capaz de avaliar esse instrumento, utilizando-o da melhor forma possível, aproveitando todas as suas potencialidades.

A experiência de pesquisar sobre os aspectos fonéticos no LD do ensino fundamental foi muito enriquecedora e construtiva em minha formação, pois me fez acessar a dimensão que o LD é, em

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com

sua riqueza de conteúdos, e atividades elaboradas que se preocupam tanto com os professores, quanto com os alunos, com o intuito de entregar um material apropriado.

O acesso a essa leitura foi uma descoberta, visto que, apesar de já ter tido contato com outros LD, em disciplinas de estágio, por exemplo, não tive uma experiência tão imersiva. Enxergar os LD, analisando os aspectos fonéticos e fonológicos, me mostrou que as minhas inquietações sobre a abordagem dessas áreas tinham fundamento, considerando que ainda há lacunas deixadas por eles em algumas instâncias. E mais que isso, o acesso a essas leituras e pesquisas me fez entender que existem outros LD que também possuem lacunas e podem e devem ser estudados para contribuir ainda mais para melhoria dessa ferramenta tão importante.

Além de tudo isso, esse estudo me trouxe mais segurança para trabalhar esses conteúdos, tendo uma noção melhor de como desenvolver debates e reflexões sobre a temática abordada. Expandiu ainda, minha percepção sobre a amplitude e importância da fonética para o desenvolvimento oral, textual e ortográfico dos alunos, e como isso pode ser trabalhado a partir do que aparece no LD ou do que não é aprofundado nele, mas pode ser complementado a partir da minha análise crítica.

5. REFERÊNCIAS

CARVALHO L.; COSTA C. **As contribuições de fonética e fonologia na formação do professor de língua materna**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Cadernos do CNLF, vol. XXIII, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019, p. 109-127.

MADUREIRA, A. L. G.; SILVA, F. O. **Fonética e Fonologia na docência:** contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem da linguagem / Phonetics and Fonology through teaching: contribuitions to teaching and learning process of language. Educação em Foco, *[S. l.]*, v. 20, n. 31, p. 73–94, 2017. Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1262. Acesso em: 15 mar. 2024

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto e linguagem. [livro eletrônico]: 6º, 7º, 8º, 9º ano. Livro digital interativo. 3 ed. Moderna, São Paulo, 2022. Disponível em: https://pnld.moderna.com.br/colecao/fundamental-2/portugues/se-liga-na-lingua-leitura-producao-de-texto-e-linguagem/. Acesso em: 25 mar.2024.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório. 1 ed. São Paulo, editora Parábola, 2016, p.176.

SENE, M. G.; BARBOSA, J. B. **Quando a oralidade chega à escrita**: discutindo os desvios ortográficos em textos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 19, n. 3, p. 7-26, 2018.

SILVA, J. de S. **A fonética e a fonologia no currículo do Ensino Fundamental.** In: XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística Y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa - PB. 2014. p. 1163-1173.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa, Fonética, Fonologia, Livro Didático

[1] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, crislenemaria227@gmail.com
[2] Universidade Federal da Paraíba-UFPB, fernandabarboza.ufpb@gmail.com